

Movendo estrutura: Cleusa e a organização das trabalhadoras domésticas

Resumo: A narrativa fotográfica proposta tem como protagonista Cleusa Santos, que foi presidenta do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas da Bahia e fundadora do grupo Mulheres Fênix na comunidade de Boiadeiro, em Salvador. Ao acompanhar os itinerários urbanos desta líder percebemos passos nunca solitários, mas coletivos, na prática de um trabalho que visa garantir direitos, dignidade, visando produzir e construir um novo mundo.

Palavras chave: Narrativa fotográfica; Organização das trabalhadoras domésticas; Coletividade;

Moving structure: Cleusa and the organization of domestic workers

Abstract: The protagonist of the proposed photographic narrative is Cleusa Santos, who was president of the Union of Domestic Workers of Bahia and founder of the group Fênix Women in the community of Boiadeiro, in Salvador. When we are following this leader's urban itineraries, we perceive never solitary, but collective steps, in the practice of a job that aims to guarantee rights, dignity, aiming to produce and build a new world.

Key words: Photographic narrative; Organization of domestic workers; Collectivity;



1 - Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará
luisadantas@ufpa.br
<http://lattes.cnpq.br/1573989294603242>
<https://orcid.org/0000-0003-0267-2778>

Conheci Cleusa Santos durante minhas pesquisas de campo no período de doutorado que resultaram em uma tese defendida em 2016. Desde o primeiro contato fiquei fascinada com sua presença, que além da beleza, me remetia à força e seriedade, muito bem equilibradas com muita doçura. Durante quatro meses pude conviver e observar o trabalho realizado por ela e pelas demais integrantes do sindicato e para além dele, pois acompanhei Cleusa em eventos pela cidade de Salvador, seja quando ela recebeu um prêmio, em audiências públicas e na sua casa e comunidade, vendo ela atuar como líder comunitária e recebendo o carinho e admiração das companheiras quando de seu aniversário.

O caminhar de Cleusa, observado por mim neste período, nunca era solitário, ela sempre estava acompanhada por outras mulheres, sobretudo também trabalhadoras domésticas, que eram convidadas a desfrutar dos espaços conquistados por Cleusa, a vibrar pelo exemplo e representatividade da amiga e a encontrar no seu abraço a segurança e acolhimento necessários para, muitas vezes, terem coragem de saírem de situações de violência e exploração, com a certeza de que não estariam sozinhas.

Após sair da casa da mãe com 12 anos de idade, Cleusa iniciou sua trajetória de trabalho doméstico permanecendo longos anos em casas de família, onde morava e realizava as atividades domésticas e de cuidados. Com o nascimento do filho, ela comprou um “pedaço de maré”, construiu uma casa de madeirite e iniciou uma nova etapa, em que além de possuir maior autonomia, também se uniu a um grupo de vizinhos ocupando espaços da cidade na tentativa de uma moradia melhor.

Somado ao trabalho no sindicato, em que recebem trabalhadoras e empregadores, dão informações e efetivam rescisões de contratos, a líder também atua na base, em bairros periféricos, divulgando informações e convidando domésticas a participarem do sindicato. Na sua comunidade, fundou o grupo Mulheres Fênix, onde reúne as vizinhas para rodas de conversas e, em parceria com organizações, quando possível, realizam cursos de capacitação e cidadania.

No Brasil mais de 6 milhões de mulheres, em sua maioria negras, são trabalhadoras domésticas. Somente em 2015 foi sancionada uma Lei visando equiparar os direitos dessa categoria aos demais trabalhadores urbanos. Essa vitória teve a cooperação da Organização Internacional do Trabalho — OIT e do Governo Federal da época, contudo é uma conquista, sobretudo da organização das domésticas e do movimento negro. A narrativa fotográfica proposta segue os rastros de Cleusa, uma liderança, que além de atuar no sindicato, no trabalho doméstico e no grupo de mulheres que fundou, insiste em ocupar espaços dantes negados para mulheres negras e sempre em coletividade, chamando atenção para as múltiplas dimensões de sua trajetória e em conformidade com Davis (2017), “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

Referências

ALVES, Alê. Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. *El País Brasil*, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html>. Acesso em 22 de junho de 2020.

BRASIL. Lei Complementar nº150, de 1º de junho de 2015. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 139, n. 103, p. 1—4, 2 de jun. 2015.

DANTAS, Luísa Maria S. As domésticas vão acabar? Narrativas biográficas e o trabalho como duração e intersecção por meio de uma etnografia multi-situada — Belém/PA, Porto Alegre/RS e Salvador/BA. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

ECKERT, C. e ROCHA, Ana Luíza C. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.









